

TEMPO – QUALIDADE X QUANTIDADE

Existe um assunto recorrente em todas as reuniões ou mesmo conversas informais que mantenho com pais e mães de filhos de diferentes idades e níveis de escolaridade: a falta de tempo. Este problema parece não respeitar nível sócio-econômico, cultural, grau de escolaridade, profissão ou qualquer outro fator que diferencie uma família da outra. A falta de tempo para cuidar dos filhos era um problema resolvido com a saída da mulher (mãe) do mercado de trabalho. Assim que ficava grávida a mulher começava a preparar sua demissão, considerando que esta era a melhor atitude a ser tomada. A pressão familiar e a cultura machista apoiavam a decisão, em nome da boa educação dos filhos. Este fenômeno perdurou até o final da década de 80 do século passado, quando ainda percebia-se tal movimento, mesmo com a situação econômica delicada do país como um todo e, particularmente, das famílias de classe média. O tempo da mãe era dedicado totalmente aos filhos, assim como a responsabilidade da educação informal. A figura paterna despertava uma mistura de autoridade e medo. Quem nunca ouviu da mãe o seguinte: “Quando seu pai chegar ele vai saber o que você fez...” E a criança era capaz de fazer qualquer coisa para que o pai não soubesse do fato. As atividades desenvolvidas pelos filhos eram de exclusiva responsabilidade da mãe, que de certa forma passava por uma anulação pessoal em função dos filhos.

A necessidade inadiável da participação das mulheres na composição da renda familiar, muda radicalmente este quadro e a mãe passa a não ter mais a opção de deixar o trabalho, além disso, a decisão de dedicar-se exclusivamente aos filhos passa por critérios anteriormente não pensados, como a satisfação profissional e a continuidade da carreira. Com esta realidade a família passa a dedicar menos tempo aos filhos que, por sua vez, vão às escolas mais cedo e freqüentam outros espaços de convivência. O pouco tempo traz uma certa angústia aos pais, que em muitos casos sentem-se culpados e negligentes. A discussão, como disse anteriormente, torna-se recorrente em reuniões e encontros de pais, justamente pelo deslocamento do foco. Os filhos, crianças ou adolescentes, não precisam de muito tempo, mas do tempo disponível com qualidade, dedicados integralmente aos filhos, focalizando suas necessidades e sentimentos. Em muitas ocasiões, basta perguntar sobre o seu dia que a satisfação da necessidade de atenção já será atendida. Em um ou dois minutos é possível demonstrar interesse e “manter contato”. A ausência física não é o mais importante. Não adianta ter todo o dia disponível e não se interessar pelos filhos. O que importa é que não haja “ausência emocional”, este sim é o principal problema.